

JUSTIÇA / Mãe de um adolescente de 15 anos diz que dirigente religioso usou as imagens do filho dela com a promessa de ajudar com plano de saúde e reforma de casa, mas isso nunca aconteceu

Pastor é acusado de lucrar com imagem de autista

» BEATRIZ MASCARENHA

Uma família do Distrito Federal entrou na Justiça contra o pastor Anderson José da Silva Teixeira, acusando-o de ter usado a imagem de um adolescente de 15 anos, com transtorno do espectro autista (TEA) nível 3 de suporte, para arrecadar dinheiro em nome da família. Na ação, os advogados que representam a família sustentam que o pastor e A Casa John John, liderada por ele, teriam arrecadado cerca de R\$ 2 milhões, valor que não foi repassado para o garoto.

Ao **Correio**, Maria Luiza (nome fictício) diz ter procurado o pastor Anderson no fim de 2023 em busca de ajuda para cuidar do filho. Ela queria conseguir um plano de saúde para ele e dinheiro para arcar com uma escola preparada para lidar com as necessidades do garoto. “Então, ele foi à minha casa e gravou vídeos com o meu filho e mostrou a situação da nossa casa, que precisava de reforma. Eu contei que o Henrique pulava o muro e fugia”, relatou.

No vídeo, a que o **Correio** teve acesso, o pastor promete pagar o plano de saúde e fazer as compras mensais. Em vários momentos, o pastor parece se emocionar. Cita trechos da Bíblia e implora para que as pessoas o ajudem a cuidar da família de Maria Luiza. “Eu quero levantar R\$ 30 mil para alugar a casa, mobiliar a casa e começar o plano de saúde do (...) e da (...) para ontem”.

O pastor, então, orienta os fiéis a

acessar o site da Machonaria. “Lá, vai estar listado tudo o que estamos fazendo. Você pode escolher um projeto ou mais de um projeto. E ser mantenedor dele mensalmente por meio de pix, boleto bancário ou cartão de crédito”. Ele ainda insinua haver risco de a mãe, Maria Luiza, entrar em depressão profunda e tentar tirar a própria vida.

Maria Luiza conta que a Casa do John John alugou uma residência para ela em Samambaia Sul, entre dezembro de 2023 a maio de 2024, enquanto a casa de Sobradinho estaria sendo reformada. Ela também recebeu cestas básicas e teve as contas de água e luz bancadas pela instituição.

Devido à falta de dinheiro para custear as necessidades de Henrique, e com a morte da mãe dela, a casa em Sobradinho I — que, segundo Maria Luiza, nunca foi reformada — acabou sendo vendida, apesar da promessa em troca de mensagens por telefone.

O pesadelo começou quando, após seis meses, a instituição parou de pagar o aluguel. “No final de 2024, eles me pediram para sair da casa em que estávamos morando, em Samambaia. Mas continuamos a viver lá no primeiro semestre de 2025, até que o proprietário solicitou a nossa saída por falta de pagamento do aluguel”, disse. Sem ter para onde ir, Maria Luiza recorreu a familiares para não ficar na rua.

A defesa de Henrique, formada pelos advogados Márcio Antônio de Oliveira e Elizeu Pinheiro de Almeida,

sustenta que o pastor “nunca prestou contas à família sobre os valores arrecadados durante o uso da imagem do adolescente. Assim como não houve o repasse do valor integral para o custeio das necessidades deles”, afirmou Márcio Antônio de Oliveira. Eles pedem indenização por danos morais e materiais de R\$ 330 mil.

O outro lado

Em entrevista à reportagem, o pastor Anderson Silva confirmou que esteve em contato com Maria Luiza em 2024 e que chegou a auxiliar a família. Segundo ele, durante o período de cerca de um ano e meio, algumas necessidades dela e do filho foram custeadas, e nega que tenha prometido reformar a casa da família. Segundo ele, o montante foi de R\$65,1 mil.

Perguntado sobre quanto arrecadou com a campanha para a família, o pastor diz não saber mensurar. “A campanha não teve início e fim, apenas a primeira exposição da situação para levantar os primeiros valores para locação e mobília da casa. Sou autista e pai de três meninos autistas. Nossa missão é familiar! Não faz sentido ser acusado de causar danos à comunidade a qual cuidamos com total dedicação”, afirmou.

O pastor confirmou que foi citado pela Justiça em 10 de março e tem 15 dias úteis para apresentar a defesa. “Inclusive, a minha advogada participou de todo o resgate da vida dessa família”, disse.



Maurenilson Freire

OBITUÁRIO

Morre o professor e ex-deputado Paulo Fernando

» ISABELA BERROGAIN

O advogado, jornalista e professor Paulo Fernando morreu na madrugada de ontem, aos 58 anos. Ele era o primeiro suplente do Republicanos na Câmara dos Deputados. O professor exerceu o mandato parlamentar entre março de 2023 e janeiro de 2024. Ele ocupou a vaga durante o licenciamento do titular Julio Cesar, que assumiu a Secretaria de Esporte e Lazer do Distrito Federal na época.

Paulo Fernando era uma figura ativa na política brasiliense e defendia pautas conservadoras. Ele deixa a esposa, Rebeca Melo, e quatro filhos. O ex-parlamentar atuou por mais de 30 anos no movimento pró-vida e na luta contra o aborto.

O governador Ibaneis Rocha (MDB) publicou uma homenagem

no X (antigo Twitter). O chefe do Executivo descreveu o ex-deputado como “uma pessoa sempre muito ética e correta”. “Conheci o deputado Paulo Fernando quando fui presidente da OAB-DF”, lembrou Ibaneis. “Foi um católico fervoroso e dedicado à família e aos que mais precisam”, acrescentou o governador.

A vice-governadora do DF, Celina Leão (PP), também se manifestou nas redes sociais. “Homem de convicções firmes e presença ativa no debate público, dedicou sua trajetória à vida acadêmica e à participação na vida pública do nosso país. Neste momento de dor, manifesto minha solidariedade à família, aos amigos e também aos correligionários do Republicanos. Que Deus conforte a todos”, publicou Celina.

Trajetória e valores

O presidente do Republicanos, deputado federal Marcos Pereira, emitiu um comunicado à imprensa. “Católico convicto, pai de família e homem de princípios, Paulo Fernando construiu uma trajetória marcada pela defesa da vida, da família, da liberdade religiosa e dos valores cristãos”, diz a nota. “Reconhecido por sua firme atuação em pautas conservadoras e pelo compromisso com aquilo em que acreditava, tornou-se uma das vozes mais respeitadas entre os representantes da comunidade cristã e do movimento pró-vida no país”, completa o texto.

Paulo Fernando trabalhou como assessor parlamentar na Câmara dos Deputados e no Senado Federal durante sua carreira. Ele foi

diretor-adjunto da Fundação de Apoio ao Preso Trabalhador (Funap) e membro do Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (Conad). O professor também atuou como secretário nacional do Idoso e assessor especial no Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos.

A senadora Damares Alves (Republicanos-DF) lamentou a morte do amigo nas redes sociais. “Hoje é dia de me despedir de um grande amigo, meu professor. Conheci o Dr. Paulo Fernando nas aulas que ele ministrava de Regimento Interno, que ele conhecia como poucos. E logo nos aproximamos pela afinidade de várias pautas, como o enfrentamento aos jogos de azar e a defesa da vida desde a concepção”, contou a senadora.

“Católico, pai, esposo, intelectual,

ativista, parlamentar... Conheci e aprendi a admirar todas essas facetas deste grande homem. Vá em paz, meu amigo. Ficaremos aqui com muita saudade, mas na certeza de que o Senhor o receba de braços abertos”, escreveu Damares.

A deputada federal Bia Kicis (PL) usou o Instagram para homenagear o advogado. “É com muita tristeza que recebo a notícia do falecimento do professor Paulo Fernando. Ele foi um grande guerreiro na luta pela vida e pela família, que sempre carregava em seu coração a palavra de Deus. Sua coragem em fazer o certo, em buscar a verdade, é o legado que fica para que, cada um de nós, siga fazendo o mesmo por nosso Distrito Federal e por nosso Brasil”, escreveu a parlamentar.

Bia Kicis descreveu o ex-deputado

Douglas Gomes/Liderança do Republicanos/Divulgação



como “um dos maiores regimentalistas da Câmara”. “Conquistou o respeito de seus pares, tendo sempre votado a favor da vida e dos valores cristãos. Deixará saudades em nossos corações”, finalizou.

Não foram divulgadas informações sobre o velório e o sepultamento do ex-deputado até o fechamento desta edição.



Candangos

JORGE HENRIQUE CARTAXO | jorgehenrique.cartaxo@gmail.com
ESPECIAL PARA O CORREIO

O Marco-zero da cultura de Brasília

“L’homme de lettres est l’ennemi du monde”. A frase eloquente de Charles Baudelaire — possivelmente o primeiro modernista do modernismo europeu —, encontrada em seu *Diário Íntimo*, em 1851, reflete o desconforto e a desarmonia do destemido poeta francês com a sociedade burguesa e materialista europeia do mundo industrial e urbano então em ascensão.

De certo modo, nos anos 1960/1970 do século passado, “o homem de letras é inimigo do mundo”. Paz e amor, pop art, movimento hippie, liberação feminina, Black Power, Beatles, paz no Vietnã, estética pessoal em desalinho, cabelos longos e descuidados, drogas, sexo, rock and roll, espiritualismo oriental, amor à natureza, roupas multicoloridas. Tudo contra a nova “Belle Époque” do pós-guerra e seus valores, formalidades e comportamentos. Um novo protagonista entrava em cena: o jovem! Em maio de 1968, a emblemática Paris, de Voltaire, mas também de Sartre, explode em convulsão.

Brasília, que já havia realizado a primeira grande exposição de arte da cidade, em 1958, no Brasília Palace Hotel, organizada pelo peruano Felix Alejandro Barrenechea; o encerramento do Seminário Internacional sobre a Criação das Novas Cidades, também em 1958; em 1959, o grande Congresso Internacional de Críticos de Arte, organizado por Mário Pedrosa; a experiência luxuosa de Ferreira Gullar, como primeiro presidente

da Fundação Cultura de Brasília, em 1961; e recebido as visitas de Frank Capra e André Malraux, entre outros, agora vivia à sombra dos governos militares. Em 1964, a UnB de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro e o Instituto Central de Artes (ICA) sofrem intervenção, seguida pela demissão e diáspora de uma plêiade de professores. Alcides Áquila da Rocha Miranda, Alfredo Ceschiatti, Athos Bulcão, Cláudio Santoro, Luiz Humberto Miranda, Nelson Pereira dos Santos, Paulo Emílio Salles Gomes e mais algumas dezenas deixaram a universidade. Em 1968, com o AI-5, as tensões políticas e a violência inibiram e restringiram de forma mais intensa as atividades intelectuais e artísticas. Sem a UnB, sem um teatro para expressar sua criatividade — a Sala Martins Pena, no Teatro Nacional, era reservada para as agências oficiais —, a juventude candanga e brasiliense inventava seus espaços de atividades musicais, teatrais e poéticas nas residências, no Elefante Branco, no Colégio Pré-Universitário, na Escola Parque, no Cine Brasília, na geodésica de Sérgio Prado, construída nos jardins da Escola Parque, na 308 Sul, e, quando possível, nos bares.

Em 1974, 10 anos depois do golpe militar, dois fatos sinalizaram o começo de um novo tempo, ainda distante. O general Ernesto Geisel, ao assumir a Presidência da República, em março de 1974, anunciou a famosa “abertura política, lenta, segura e

gradual”. Nas eleições legislativas de novembro daquele mesmo ano, o MDB — a oposição consentida naquele momento — venceu o pleito com expressiva maioria. Geisel nomeia o engenheiro Elmo Serejo governador de Brasília. Serejo convida o embaixador Wladimir Murtinho para a Secretaria de Educação e Cultura. Murtinho não era um candango qualquer: refinamento, civilização, elegância e cultura. Sinais dos tempos!

O ator João Antônio era assessor de teatro da Fundação Cultural de Brasília (criada por JK, em 1961, e, depois de 1964, Fundação Cultural do DF). Estávamos em 1973, e João sentia a tensão na cidade. Sempre que lhe era oportuno, solicitava ao diretor executivo da Fundação, Ruy Pereira da Silva, que um dos galpões da Novacap, localizados na W3 Sul (508), fosse cedido à Fundação para a realização de atividades culturais (teatro, dança, apresentações musicais, exposições etc.). No primeiro momento, foi criada uma galeria, inaugurada com uma exposição do renomado arquiteto japonês Kenzo Tange, amigo e interlocutor de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. Meses depois, duas novas galerias foram inauguradas.

Em 1975, já secretário de Educação e Cultura, Wladimir Murtinho determina a reforma do galpão que ficava ao lado das galerias, transformando-o em um teatro.

F. Gualberto/CB/D.A Press



Fachada do Teatro Galpãozinho em 04/07/1982

Nascia o Teatro Galpão, o Galpãozinho! Mauro Bondi, então estudante de arquitetura da UnB, planejou e conduziu as adaptações do local. Com a peça “*O homem que enganou o diabo e ainda pediu troco*”, do jornalista Luiz Gutemberg, com direção de Laís Aderne, o Galpãozinho foi inaugurado em 20 de junho de 1975. Com a ação e o trabalho desses personagens edificantes de nossa cidade, a cultura brasiliense teria nova amplitude e significados.

Entravam em cena Iara Pietrovski, Hugo Rodas, Augusto Pontes, Renato Vasconcelos, Cristina Borracha, Nicolas Behr, Humberto Pedrancini, Jota Pingo, Oswaldo Montenegro,

Tereza Rollemberg, Alexandre Ribondi, Neio Lúcio, Renato Russo, Cássia Eller e tantos outros que terão seus trabalhos e contribuições para a cultura brasiliense aqui revisitados. Como disse o sempre marcante TT Catalão: “A Quadra 508 Sul é o marco-zero da cultura de Brasília”.

Jorge Henrique Cartaxo é jornalista, mestre em História pela Universidade Paris-Sorbonne, sócio-fundador do Instituto Histórico do Tocantins, sócio-correspondente do Instituto Histórico de Goiás e diretor de Relações Institucionais do IHG-DF